

## **Observações preliminares sobre a literatura enóquica encontrada no oásis de Turfan \***

Vicente Dobroruka

Professor de História Antiga da UnB

Doutor em Teologia, Oxford

Professor Visitante em Clare Hall, Cambridge

Membro do *Ancient India and Iran Trust*, Cambridge

### **RESUMO**

Este artigo trata de aspectos menos conhecidos do “herói apocalíptico” Enoch, na forma em que ele se manifestam em alguns fragmentos encontrados no oásis de Turfan, na Ásia Central. Enoch mostra-se aqui, talvez mais do que noutros textos (muito antigos, como os de suas origens sumérias, ou talvez posteriores aos fragmentos de Turfan, como o *Apocalipse eslavônico de Enoch - 2En*), personagem apto à apropriação sincrética por excelência. Muito do Enoch maniqueu, nos fragmentos de Turfan, diz respeito à sua associação com Buda ou mesmo com Jesus; tal fato nos aponta para a extrema versatilidade da pregação missionária maniqueia, em especial na Sogdiana, onde os uígures (ou pelo menos seus líderes) converteram-se ao maniqueísmo. Outro aspecto que o Enoch dos fragmentos de Turfan nos ajuda a determinar é aquele relacionado à extrema variedade de religiões encontradas ao longo da chamada “Rota da Seda” até a invasão mongólica e, talvez, até o séc.XV EC. De região no planeta com maior variedade religiosa (e de combinações improváveis entre elas, como o maniqueísmo associado a religiões locais - o budismo e o taoísmo entre elas) transformou-se na região mais uniformemente islamizada. O Enoch encontrado nos fragmentos é ainda o personagem semítico e desenvolvido nos apocalipses judaicos (notadamente nos fragmentos aramaicos dos Manuscritos do Mar Morto), mas traduzido para uma linguagem mais apta ao proselitismo.

---

\* Para as citações bíblicas utilizei a Bíblia de Jerusalém (São Paulo: Paulus, 1985), cotejada com os trechos em grego do software *BibleWorks 7.0*. Para os textos clássicos utilizei as edições da Loeb Classical Library e, para a única referência aos Manuscritos do Mar Morto, a edição inglesa de Geza Vermès. *The Complete Dead Sea Scrolls in English*. London: Penguin, 1997. As demais fontes encontram-se listadas conforme aparecerem ao longo do capítulo. Os pseudepígrafos em geral foram citados a partir da edição de James H. Charlesworth (ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha*. New York: Doubleday, 1983-1985. Vol.1 (OTP 1).

## ABSTRACT

This article deals with less known aspects of the “apocalyptic hero” Enoch, as he appears in the Turfan fragments. Turfan, an oasis in Central Asia, provides a lot of information regarding the possibilities of syncretistic appropriation of Enoch by other religious missionaries, retaining his versatility throughout - from Sumerian origins to texts arguably later than the Turfan fragments, like the *Slavonic apocalypse of Enoch*, or 2En. Enoch remains a character most apt to syncretistic appropriation. Much of that story is told us by the Turfan fragments, which displays associations with Buddha and even Jesus` crucifixion with *nirvana*; this points us to the extreme versatility of Manichaeism missionary activity, especially in Sogdian where the Uighurs (or their leaders, for that matter) converted to Manichaeism. Another aspect to be taken into account in the Enochic fragments from Turfan is that related to the extreme variety of religions to be found alongside the so-called “Silk Road” up to, and possibly after, the Mongol invasion. From the region on Earth displaying the most astonishing religious diversity it became the most uniformly Islamicized. The figure of Enoch, as found in the Turfan fragments, is still the Semitic character found and developed in the Aramaic fragments in the Dead Sea Scrolls, but translated into a language more prone to proselytism.

PALAVRAS-CHAVE: Judaísmo helenístico, Literatura apocalíptica, Sincretismo religioso na Antigüidade

KEYWORDS: Hellenistic Judaism, Apocalyptic literature, Religious syncretism in Antiquity

## 1. Introdução

A figura de Enoch apresenta um fascínio todo especial, que deve ter sido ainda maior no período formativo do judaísmo (aprox. 300 AEC - 100 EC); tal encanto gerou um *corpus* literário considerável, mas que, em última análise, revelou-se um “beco sem

saída” teológico para o futuro do judaísmo, especialmente após o sucesso da pregação paulina e do fracasso das insurreições de 67, 115 e 132 EC.

Do lado fascinante, temos uma origem curiosa e bastante curta: Enoch aparece apenas duas vezes na Bíblia hebraica, que os cristãos chamariam de Antigo Testamento. Em Gn 5:18-24, lemos:

*Quando Jared completou sessenta e dois anos, gerou Henoc<sup>1</sup>. Depois do nascimento de Henoc, Jared viveu oitocentos anos e gerou filhos e filhas. Toda a duração da vida de Jared foi de novecentos e sessenta e dois anos, depois morreu. Quando Henoc completou sessenta e cinco anos, gerou Matusalém. **Henoc andou com Deus.** Depois do nascimento de Matusalém, Henoc viveu trezentos anos e gerou filhos e filhas. Toda a duração da vida de Henoc foi de trezentos e sessenta e cinco anos. **Henoc andou com Deus, depois desapareceu pois Deus o arrebatou.** [grifos meus]*

Temos aqui o cerne da lenda em torno de Enoch e o núcleo em torno do qual seu ciclo apocalíptico seria constituído: ele vive menos do que os demais patriarcas antediluvianos, mas 365 é um número perfeito (o número de dias do ano solar); e duas vezes diz-se que Enoch caminhou com Deus (Gn 5:22 - ויתהלך חנוך את־האלהים אחרי - ou seja, esteve na presença divina, algo raro, perigoso e tabu). Ao final da passagem diz-se que ele não apenas andou com Deus, mas que foi arrebatado por Ele -

(ויהלך חנוך את־האלהים ואיננו כִּי־לקח אתו אלהים:)

A outra passagem bíblica em que Enoch é mencionado é 1Cr 1:3:

**Origem dos três grandes grupos - Adão, Set, Enosh, Cainã, Malaleel, Jared, Henoc, Matusalém, Lamec, Noé, Sem, Cam e Jafé.**

Aqui temos apenas uma repetição da genealogia anterior. A tradição enóquica deve ter surgido a partir da “exegese extravagante” de Gn 5, ou seja, da segunda genealogia bíblica (7 gerações, também um número simbolicamente perfeito; a outra genealogia, de Gn 4:1;2-17-22 fala em 5 gerações)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Peço desculpas pela dupla utilização de “Henoc” e “Enoch”: a primeira grafia tornou-se mais comum na língua portuguesa, sem que eu veja aparente sentido nessa transliteração. Todavia, ao citar textos bíblicos em português manterei o termo tal como aparece, mas usarei “Enoch” no restante do artigo. Obviamente, trata-se do mesmo personagem (חנוך).

<sup>2</sup> James VanderKam. *Enoch, a Man for All Generations*. Columbia: University of South Carolina Press, 1995. P.1.

As duas matrizes da apocalíptica judaica estão representadas, portanto, por Daniel (que faria carreira longa no cristianismo com uma produção apocalíptica imensa e ainda maior e mais bem preservada que a enóquica<sup>3</sup>) e por Enoch - na “exegese extravagante” que daria como frutos iniciais o texto que seria conhecido como *Livro etiópico de Enoch* (por ter sido preservado em etiópico) e os fragmentos da caverna 4 de Qumran entre os Manuscritos do Mar Morto<sup>4</sup>. Textos posteriores que seguiram o filão das “viagens” de Enoch junto a Deus incluem o misterioso *Apocalipse eslavônico de Enoch* (2En<sup>5</sup>) e o erroneamente denominado *Apocalipse hebraico de Enoch* (3En)<sup>6</sup>.

Além desses textos relativamente completos, há referências importantes no texto cristão *Apocalipse de Elias* (ApEl), em duas oportunidades: não por acaso, em ambas (ApEl 4:7; 5:32) Enoch terá papel ativo no final dos tempos, e virá juntamente com Elias em ambas as passagens (lembramos que Elias também insere-se numa tradição de “arrebatamento” por oposição à morte (2Rs 2:1: “**Elias é arrebatado ao céu e Eliseu lhe sucede** - Eis o que aconteceu quando Iahweh arrebatou (בהעלות) Elias ao céu no turbilhão...”).

Na literatura rabínica, após o séc.III EC encontramos referências judaicas novas a Enoch somente no Talmud da Babilônia (*Bereshit Rabbah*); naturalmente, os *targumim* também falam de Enoch sem acrescentarem muito à exegese corrente.

## 2. Enoch fora da tradição judaica

---

<sup>3</sup> Lorenzo DiTommaso. *The Book of Daniel and the Apocryphal Daniel Literature*. Leiden: Brill, 2005; James VanderKam. *Enoch and the Growth of an Apocalyptic Tradition*. Washington: The Catholic Biblical Association of America, 1984 e principalmente Stephen B. Reid. *Enoch and Daniel. A Form Critical and Sociological Study of Historical Apocalypses*. Berkeley: BIBAL, 1989.

<sup>4</sup> Para o texto etiópico utilizei a tradução de Ephraim Isaac. “1 (Ethiopic Apocalypse of) Enoch (Second Century B.C. - First Century A.D.) em OTP 1 cotejada com a edição crítica de Michael Knibb. *The Ethiopic Book of Enoch: a New Edition in the Light of the Aramaic Dead Sea Fragments*. Oxford / New York: Oxford University Press, 1978 (2 vols.); para os fragmentos dos Manuscritos do Mar Morto, além da edição de Vemès, cf. Józef T. Milik. *The Books of Enoch: Aramaic fragments of Qumrân Cave 4*. Oxford: Clarendon Press, 1976.

<sup>5</sup> “Misterioso”, pois todo tipo de autoria e datação já foi proposto para o texto - não se pode provar se é de origem cristã ou judaica, e para sua origem cogitou-se de tudo, da própria Rússia do séc.XIV EC até a Alexandria do séc.II AEC. Uma boa introdução aos muitos problemas colocados pelo texto de 2En encontra-se em Francis I. Andersen. “2 (Slavonic Apocalypse of) Enoch (Late First Century A.D.). A new translation and introduction” in: OTP 1.

<sup>6</sup> O “Livro da ascensão do Rabi Ishmael”, nome verdadeiro de 3En, raramente é utilizado para referir-se ao texto, possivelmente por razões comerciais - já que Enoch também desempenha um papel preponderante nesse texto, torna-se mais “natural” inseri-lo num “ciclo enóquico” que inclui 1 e 2En. Tal confusão deliberada teve início com a edição de Hugo Odeberg. *3 Enoch; or, The Hebrew book of Enoch*. Cambridge: Cambridge University Press, 1928.

Com tudo o que foi dito acima, é de se supor - com alto grau de certeza - que Enoch gozou por muito tempo de imensa popularidade, e que esta diminuiu apenas em função do desinteresse dos textos enóquicos pela lei mosaica<sup>7</sup>, ponto fulcral do judaísmo emergente da crise de 67 EC.

Tal popularidade explica-se apenas se levarmos em conta elementos fora do judaísmo exílico (suas origens antiquíssimas, a numerologia associada a Enoch etc.) e, após o séc.I EC, se estudarmos a *apropriação* da figura de Enoch por outras tradições religiosas.

Para o primeiro tema, a origem mesopotâmica da figura de Enoch parece inquestionável: a assimilação pelos judeus da figura de Enmeduranki, rei lendário sumério e que apresenta várias semelhanças com Enoch, é notória<sup>8</sup>.

Enoch aparece sempre como personagem ligado às viagens ao Além; a “exegese extravagante” de que falei acima diz respeito precisamente a esse ponto. 1En, por ser o texto enóquico mais antigo conhecido em sua forma completa (mas ao mesmo tempo que apresenta várias camadas redacionais e problemas de datação), é notável também por relacionar-se a outro mitema encontrado por todo o Antigo Oriente Próximo - o dos anjos rebeldes que mantêm intercuro com as filhas dos homens. Novamente, o texto de Gn 6 é curto, inconclusivo e propenso à exegeses fantásticas.

*Quando os homens começaram a ser numerosos sobre a face da terra, e lhes nasceram filhas, os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram belas e tomaram como mulheres todas as que lhes agradaram. Iahweh disse: ‘Meu espírito não se responsabilizará indefinidamente pelo homem, pois ele é carne; não viverá mais que cento e vinte anos’. Ora, naquele tempo (e também depois), quando os filhos de Deus se uniam às filhas dos homens e estas lhes davam filhos, os Nefilim habitavam sobre a terra; estes homens famosos foram os heróis dos tempos antigos.*

A “maldade” dos anjos e de seus descendentes não fica clara, em absoluto, em Gn 6; sabe-se apenas que foi suficiente para fazer Deus destruir a Criação por meio do Dilúvio. Mas em 1En 6-9 sua maldade é esmiuçada e constitui-se, de certo modo, em “mito criador”: ao ensinarem certas artes aos homens, os anjos rebeldes tornaram-se os geradores não apenas dos “Gigantes” (seus filhos com as mulheres), mas também os promotores da cultura frente à natureza.

---

<sup>7</sup> VanderKam, op.cit., “Preface”.

<sup>8</sup> Wilfred G. Lambert. “Enmeduranki and related matters” in: *Journal of Cuneiform Studies* 21, 1967.

Todavia, há uma outra ligação entre Enoch e os textos maniqueus: no *Compêndio (Kitāb al-Fihrist)*, do fim do séc.X EC, Ibn al-Nadīm, temos um longo discurso sobre o maniqueísmo que foi endossado pelas descobertas mais recentes de textos dos próprios maniqueus. Al-Nadīm discute Gn 2-4 (lembramos da outra genealogia, na qual Enoch - talvez outro de mesmo nome - é filho de Caim) justificando ter sido um dos “anjos” (الصـنـديـد) quem levou Eva a seduzir Adão. Isto relaciona-se com as artes de sedução ensinadas pelos mesmos em 1En 7:1-2:77 - “E eles [os anjos corruptos] ensinaram [às mulheres] encantamentos e feitiços, e lhes mostraram como cortar árvores e raízes”<sup>9</sup>.

Enoch, em 1En 13-15 tenta interceder pelos anjos caídos em desgraça, sem sucesso; mas esta é apenas uma das 5 seções de 1En, e apenas parte da tradição enóquica de viagens ao Além. Enoch não obtém sucesso em sua tentativa de interceder pelos pecadores em desgraça (como também ocorre noutro apocalipse judaico, o *Quarto livro de Esdras* ou 4Ezra), mas estabelece um vínculo duradouro com a angelologia do Antigo Oriente Próximo e, através dos “Gigantes”, tanto com a cosmogonia judaica como com a maniquéia.

Todavia, este artigo dedica-se a um uso menos conhecido, mas muito instigante da figura de Enoch - sua apropriação nos fragmentos maniqueus de Turfan.

### **3. Os fragmentos de Turfan e sua relevância para o estudo da história das religiões**

O oásis de Turfan, ao norte da China atual e na parte norte do que viria a ser chamado de “Rota da Seda”, constituiu desde princípios da era cristã importante ponto de apoio aos viajantes na rota supracitada. Durante o Período Tang (618-907 EC) foi especialmente importante o intercâmbio comercial com os mercadores sogdianos (em sua maioria seguidores do mazdeísmo), e os uigures estabeleceram, ao menos entre suas elites governantes, o maniqueísmo como religião oficial ao governarem Turfan no séc.IX EC.

---

<sup>9</sup> John C. Reeves. “Manichaica Aramaica? Adam and the magical deliverance of Seth” in: *Journal of the American Oriental Society*, 119, (3). 1999. P.433. Cf. ainda Werner Sundermann. “Mani’s *Book of the Giants* and the Jewish books of Enoch: a case of terminological difference and what it implies” in: Shaul Shaked e Ammon Netzer (eds.). *Irano-Judaica III*. Jerusalém: Bem-Zvi Institute, 1994. Pp.40-48.

O grosso das inscrições de Turfan (cujas escavações principais ocorreram entre 1902-1914) data dos sécs.IX-X<sup>10</sup>; em grande medida são versões de outros textos em siríaco, mas alguns são originais ou provêm de outras fontes que desconhecemos.

Quanto aos judeus, sua atividade proselitista no centro da Ásia é fascinante e bem conhecida; já em At 2:9 se falava em judeus na Pérsia. A história do reino dos khazares, o único Estado judeu após a queda do Templo em 70<sup>11</sup>, tornou-se também popular com o trabalho de Arthur Koestler<sup>12</sup>.

#### 4. Enoch no maniqueísmo

O peso do maniqueísmo na região foi imenso e, entre as várias opções soteriológicas sincréticas oferecidas pelo Oriente após o séc.II EC, o maniqueísmo afigura-se como uma das melhor sucedidas: perdurou como religião por pelo menos 1.300 anos<sup>13</sup>, da costa do Atlântico até a costa do Pacífico. Entre os locais onde o maniqueísmo encontrou solo mais fértil para sua propagação, encontra-se o centro da Ásia, até a invasão mongol provavelmente a região com maior variedade religiosa no mundo<sup>14</sup>.

---

<sup>10</sup> Foltz, op.cit. p.68.

<sup>11</sup> Isso se não contarmos a “conversão” da casa real de Adiabene de que fala Josefo nas *Antigüidades judaicas* 20.15-97. Todavia, a região parece ter recaído sob o controle sassânida em pouco tempo. Ao mesmo tempo, Josefo fala da conversão da *casa real*, o que faz supor uma grande quantidade de judeus na região, mas assemelha-se mais ao episódio dos uigures com o maniqueísmo do que propriamente com a criação de um Estado judeu independente, como o reino dos khazares.

<sup>12</sup> Arthur Koestler. *Os khazares. A 13ª. tribo e as origens do judaísmo moderno*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

<sup>13</sup> Sam Lieu. *Manichaeism in the Later Roman Empire and Medieval China*. Manchester: Manchester University Press, 1985. P.6. Em comunicação privada, o Prof. Lieu comentou o achado de documentos policiais datados do começo do séc.XX e ligados à “Revolta dos Boxers” em que ainda se encontram queixas contra os maniqueus remanescentes, e apresentam queixas quanto à destruição da propriedade privada durante a revolta.

<sup>14</sup> Tal variedade acompanhava, de modo geral, a chamada “Rota da Seda”; sua transformação na região uniformemente islâmica que é hoje ocorreu paulatinamente e mais pelas vantagens comerciais decorrentes da conversão ao Islã do que em função das guerras sucessivas. A atividade missionária acompanhava o comércio de longa distância, tanto com relação a cristãos, maniqueus, judeus, budistas ou muçulmanos (sendo estes os principais grupos religiosos ao longo da rota). Cf. Richard Foltz. *Religions of the Silk Road*. New York: St. Martin’s Griffin, 1999. Pp.62; 89-94 e Kato Kyuzo. “Cultural exchange on the ancient Silk Road” in: *Senri Ethnological Studies* 32, 1992. O próprio Mani teria alegado, no fragmento de Turfan M5794, que sua religião seria melhor do que as antecessoras já que incluiria os seus aspectos positivos (cf. Hans J. Klimkeit. “Jesus entry into *Parinirvāṇa*: Manichean identity in Buddhist Central Asia” in: *Numen* 33, 1986. P.226).

Uma biografia de Mani (216-276 EC) seria despropositada aqui<sup>15</sup>. O que importa no escopo deste artigo é relacionar os fragmentos enóquicos de Turfan ao sistema apocalíptico maniqueu; neste sentido espero também contribuir para a discussão em torno da autenticidade da “lista de apocalipses” maniqueus<sup>16</sup>. Quanto à utilização inadvertida do nome de Enoch por parte dos maniqueus, é uma hipótese que também pode ser descartada: quer se trate de uso efetivo (i.e. com conhecimento de causa do texto bíblico de Gn 5) ou apenas da inserção numa linhagem “simbólica”, a presença de Mani entre os fragmentos de Turfan não pode ser confundida com a de qualquer outra divindade ou “herói” apocalíptico<sup>17</sup>.

Um dos problemas mais sérios referentes ao uso de Enoch pelos maniqueus diz respeito à língua original: a esse respeito, a análise de Henning é sintomática do que se sabia do maniqueísmo antes da descoberta do *Codex Mani*:

*É notável que Mani, criado numa província persa na qual passou a maior parte de sua vida, e cuja mãe pertencia a uma família parta famosa, não tenha feito uso da tradução mitológica iraniana. Não se pode mais duvidar que os nomes iranianos como Sām, Narīmān, etc., que aparecem nas versões persa e sogdiana do ‘Livro dos Gigantes’ não surjam na edição original, escrita por Mani em siríaco*<sup>18</sup>.

O peso dessa afirmação deve ser levado em conta quando se pensa que tanto o maniqueísmo quanto o budismo mostram-se bem representados pelos textos partos em Turfan<sup>19</sup>, bem como por textos em sogdiano das três grandes religiões missionárias na área<sup>20</sup>, já que na área o sogdiano era a *lingua franca*.

---

<sup>15</sup> Uma introdução excelente ao tema e à biografia de Mani é a obra de Michel Tardieu. *Le Manichéisme*. Paris: P.U.F., 1981.

<sup>16</sup> David Frankfurter. “Apocalypses real and imagined in the Mani Codex” in: *Numen* 44: 60-73, 1997. A ausência de uma citação historicamente localizável do “Apocalipse de Enoch” citado por Mani no códice de Colônia levou Frankfurter a interpretar a referência enóquica, neste caso, não em termos literais, mas em termos de “linhagem profética”. É uma idéia promissora e inteligente mas que, em todo caso, não se choca com o tema deste artigo que é a referência *efetiva* a Enoch entre os fragmentos de Turfan.

<sup>17</sup> Cf. Werner Sundermann. “Namen von Göttern, Dämonen und Menschen in iranischen Versionen des manichäischen Mythos” in: *Altorientalische Forschungen* 6, 1979 e ainda Peter Bryder. “Problems concerning the spread of Manichaeism from one culture to another” in: Gernot Wiessener e Hans J. Klimkeit (eds.). *Studia Manichaica*. Wiesbaden: Harrassowitz, 1992.

<sup>18</sup> Walter B. Henning. “The Book of Giants” in: *Bulletin of the School for Oriental and Asiatic Studies* 11, 1943. P.52. O siríaco foi também a língua mais utilizada pelos missionários cristãos ao longo da “Rota da Seda”; cf. também a análise dos monumentos nestorianos chineses feita por Yoshiro Saeki. *The Nestorian Documents and Relics in China*. Tóquio: The Academy of Oriental Culture, Tokyo Institute, 1937.

<sup>19</sup> Hans J. Klimkeit. “Christians, Buddhists and Manichaeans in Medieval Central Asia” in: *Buddhist-Christian Studies* 1, 1981. P.46.

<sup>20</sup> Olaf Hansen. “Die buddhische Literatur der Sogdier” in: *Handbuch der Orientalistik*. Vol.1. Leiden / Köln: Brill, 1968. Pp.83-90; do mesmo autor, “Die christliche Literatur der Sogdier”, na mesma obra,

Mas o primeiro fragmento enóquico a ser analisado aqui não está em sogdiano, mas em túrquico: trata-se do TM423d, parte do “Livro dos Gigantes” composto (aparentemente) por Mani e que depende claramente do Enoch judaico. Enoch é citado aqui como um “Buda” (*burxan*), quando o usual para maniqueus da área seria o túrquico *frišti* ou o *pahlavi frēstag* (ambos significando “mensageiro” ou “apóstolo”)<sup>21</sup>. Outra transposição interessante é a que diz respeito ao Monte Hermon na Palestina, aqui “transplantado” para a Ásia Central (torna-se o Monte Kögman). O termo deve ter vindo diretamente do siríaco ou do grego (não há versão parta para esse texto<sup>22</sup>), o que torna a transposição direta do “budato” para Enoch ainda mais interessante.

De modo geral a evidência documental para Enoch em Turfan é muito fragmentária - mas as referências são suficientes para relacioná-lo de modo inequívoco ao tema dos “Gigantes”. O fr.B (na organização proposta por Henning e na de Bang<sup>23</sup>), de origem uigur, refere-se a Enoch, “filho de Virōgdād” (i.e. Baraq’el, cf. 1En 6:7), nos seguintes termos:

[pág.1]: *‘Ó filho de Virōgdād, teus negócios são lamentáveis [?]. Mais do que isso [não] deves ver Não morra prematuramente agora, mas volte rapidamente deste ponto’. E novamente, além dessa voz, ouvi a voz de Enoch, o apóstolo, vinda do sul, sem, no entanto, vê-lo. Chamando-me pelo nome com carinho, falou. E daí para baixo [vacat] [...].*

[pág.2]: [...] *‘pois a porta fechada do Sol<sup>24</sup> irá se abrir, a luz do Sol e seu calor descerão e incendiarão tuas asas<sup>25</sup>. Você vai queimar e morrer’, ele disse. Tendo ouvido essas palavras bati minhas asas e ganhei os ares rapidamente. Olhei para trás: a aurora [vacat], e com a luz do Sol surgiu detrás dos montes Kögman. E novamente uma voz veio do alto. Trazendo a ordem de Enoch, o apóstolo, ela*

---

pp.91-99 e a tese de doutorado de Martin Schwartz. “Studies in the texts of Sogdian Christians”. Ann Arbor: University of California Press, 1967.

<sup>21</sup> O contexto da frase é: “No sul ouço a voz do Buda Enoch” (*birdin singlar xonuğ burxan ünin išidtim*); cf. Hans J. Klimkeit. “Der Buddha Henoch: Qumran und Turfan” in: *Zeitschrift für Religions- und Geistesgeschichte* 32 (4), 1980. P.367. Cf. ainda o verbete em David N. MacKenzie. *A Concise Pahlavi Dictionary*. London: Oxford University Press, 1971.

<sup>22</sup> Henning, op.cit. p.55.

<sup>23</sup> Willi Bang. “Manichäische Erzähler” in: *Le Muséon* 44, 1931. Pp.xliv; 13-17.

<sup>24</sup> Em 1En 72 há 180 portas a leste, cada uma das quais abre-se para que o Sol passe por ela a cada manhã - boa parte de 1En é dedicada ao funcionamento e explicação dos fenômenos celestes, como a origem da chuva, da noite etc.).

<sup>25</sup> Podemos ter aqui uma leitura do mito de Ícaro (mas o fragmento é muito curto para qualquer conclusão mais séria a esse respeito) ou simplesmente a retomada de um tema que reapareceria em 3En, mais apropriadamente chamado de *Livro da ascensão do Rabbi Ishmael*, em que Enoch literalmente transfigura-se em fogo. Cf. Anthony J. Saldarini. “Apocalypses and apocalyptic in Rabbinic literature and mysticism” in: *Semeia* 14, 1979. Pp.187-205 e James R. Davila. “The Hekhalot literature and shamanism” in: *SBL Seminar Papers*, 33. 1994. Pp.767-789.

dizia: ‘Eu te chamo, filho de Virōgdād<sup>26</sup>, [vacat], eu sei [vacat] a sua direção [vacat] [...]

O trecho lembra fortemente, se não for propriamente uma releitura, a negativa quanto à intercessão de Enoch em favor dos anjos caídos após 1En 15; todo o episódio renderia frutos na teologia maniquéia uma vez que, na perspectiva de Mani, nada de mal poderia vir de Deus, e portanto o episódio da queda dos anjos é especialmente propício a especulações teológicas<sup>27</sup>.

Um trecho ainda mais fragmentado, mas que faz referências igualmente claras ao tema dos *nefilim* e da intercessão enóquica de 1En, é o fragmento “D” de Henning, em *pahlavi*:

[vacat] fora [vacat] e [vacat] à esquerda [vacat] leu o sonho que vimos. Então Enoch assim [vacat] e as árvores que brotaram, esses são os *Egrēgoroi* e os gigantes nascidos das mulheres. E [vacat] sobre [vacat] tirou [vacat] sobre [vacat] [...].

Aqui vemos novamente o tema dos gigantes nascidos das mulheres e ainda o dos *Egrēgoroi* (“vigilantes”), aos quais Mani refere-se em aramaico no texto acima (boa parte do vocabulário *pahlavi* consiste de “arameogramas”, i.e. palavras escritas em aramaico, mas lidas em persa - p.ex. מלך, “rei”, lido como *shah* em persa). No caso, para “demônios”, os “vigilantes” de 1En denominados de εγρήγοροι (deduz-se pelos textos cópticos), temos o aramaico ܦܝܠܝܡ, i.e., “terror” ou, pelo contexto, que inspira terror.

O acréscimo dos *Egrēgoroi* aos *nefilim* pode ser explicado em termos da confusão no uso da linguagem feita por Mani: *nefilim* é etimologicamente distinto de *nefāl* (ἐκτρομα), “aborto”. Numa fórmula de abjuração maniquéia gigantes e “abortos” são referidos conjuntamente, daí a possível duplicidade dos termos.

Por fim, no fragmento TiiS20, em escrita sogdiana e conteúdo semelhante ao da *Kephalaia*, temos uma referência a *Šahmīzād* (talvez *Semyaza*, um dos anjos caídos por quem Enoch tenta interceder em 1En 8:3) e sua prole - um deles, *Ohya* tem sua tradução para o sogdiano, “*Sāhm*, o gigante”; seu irmão é *Ahya*, em sogdiano *Pāt-Sāhm* [“o que está com *Sāhm*?]. Referências esparsas são encontradas também no fr. Q

---

<sup>26</sup> Referência estranha, já que anteriormente a “voz” refere-se a Enoch na terceira pessoa; todavia, deste trecho em diante temos praticamente só lacunas.

<sup>27</sup> Cf. Reeves, op.cit.

em cóptico referindo-se ao “sábio Enoch” e numa homilia recolhida por Polotsky, de modo ainda mais fragmentário, aos “[...] anos de Enoch [...]”<sup>28</sup>.

Os fr. M299a e M625c também tratam de Enoch num contexto maniqueu com coloração budista: o termo túrquico *burxan xonug* significa, nesses fr., “profeta Enoch” (*pahlavi hunug*).

Por fim, deve-se levar em conta a relação desses fr. da Ásia Central não apenas com 1En, a versão mais completa do mitema judaico, mas também com os fr. em aramaico da caverna de Qumran.

Os fragmentos aramaicos de 4Q (caverna 4 de Qumran) compõem-se de 11-15 fr., dos quais nenhum trata do chamado “Livros das parábolas” (1En 37-71)<sup>29</sup>. Esses pedaços de texto, juntos, correspondem a quase 50% do texto etiópico ou grego de 1En<sup>30</sup>. De todo modo, por mais tardia que se pretenda a datação dos textos enóquicos ligados a 1En, ao final do séc.II EC sua tradição já estava bem estabelecida - e com divulgação ampla, o que torna ainda mais fácil sua apropriação por Mani.

Convém ainda lembrar que a filiação estabelecida no fr. TiiS20 vincula-se de modo claro a outros fragmentos dos Manuscritos do Mar Morto: um trecho de 6Q8 e, também, de 1Q23, 1Q24 e 2Q26 - uma citação “velada” aos “gigantes” parece manifestar-se no *Documento de Damasco*, este bem conhecido antes mesmo da descoberta dos Manuscritos do Mar Morto (CD 2:18).

Para uma visão mais abrangente da edição dos fr. da caverna 4 ligados explicitamente ao tema dos “gigantes”, cf. o artigo de Milik que os relaciona de modo claro aos fragmentos de Turfan<sup>31</sup>. O ponto principal da argumentação é que a Antigüidade atestada pelos fragmentos aramaicos limita a “originalidade” dos textos enóquicos de Turfan, mas não a “exegese extravagante” que deles se faz novamente - só que desta vez, com viés maniqueu.

---

<sup>28</sup> Hans-J. Polotsky. *Manichäische Homilien*. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1934. No.68.

<sup>29</sup> A discussão acerca da relação entre o uso maniqueu e os fragmentos de Qumran está esquematizada no artigo de Józef T. Milik. “Problèmes de la littérature hénochique à la lumière des fragments araméens de Qumrân” in: *Harvard Theological Review*, 64 (2/3). 1971.

<sup>30</sup> Idem, p.335.

<sup>31</sup> Józef T. Milik. “Turfan et Qumran, livre des Géants juif et manichéen” in: Hartmut Stegemann (org.). *Festgabe für K.G. Kuhn*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1971 e para bibliografia mais atualizada, John C. Reeves. “An Enochic motif in Manichean tradition” in: Alois van Tongerloo e Søren Giversen. (eds.). *Manichaica Selecta*. Louvain: International Association of Manichaean Studies, 1991 e do mesmo autor, *Jewish Lore in Manichean Cosmogony. Studies in the Book of Giants Traditions*. Cincinnati: Hebrew Union College Press 1992.

Como último paralelo, lembremos da passagem de Jorge Syncelos, em sua *Cronografia*: a punição que irá abater-se sobre os gigantes e seus filhos encontra paralelo virtualmente idêntico no fr. I de Henning<sup>32</sup>.

### **Conclusão**

O uso de Enoch na tradição maniquêia atestada em Turfan não pode deixar de interessar ao estudioso do judaísmo oriental: se o futuro da literatura enóquica mostrou-se comprometido duplamente pelo desinteresse pela lei mosaica, de um lado, e de outro, por sua apropriação pelo cristianismo nascente, os fragmentos de Turfan revelam uma utilização extravagante, mas não incoerente em relação à doutrina maniquêia.

Mani reconhecia três líderes religiosos como seus antecessores diretos, segundo o testemunho de Al-Bīrūnī em sua *Cronologia*: Zoroastro, Buda e Jesus<sup>33</sup>. A comparação com textos maniqueus como a *Kephalaia* torna tal questão fora de dúvida, mas é preciso levar em conta que, além de sua posteridade cristã, Enoch teve ampla utilização na cosmogonia maniquêia, tanto em função do tema da queda dos anjos como no da genealogia de Seth - ou seja, reencontramos numa escala da “Rota da Seda” alguns fios do tecido (mal) entrelaçado entre Gn 4-6.

---

<sup>32</sup> Milik, “Problèmes”, p.368.

<sup>33</sup> Cf. o testemunho de Al-Bīrūnī com o começo da *Kephalaia*, em que Mani fala de seus “antecessores” Jesus, Zarades (i.e. “Zoroastro”) e Buda. Abraham V.W. Jackson. “Traces of Biblical influence in the Turfan Pahlavi fragment M. 173” in: *Journal of the American Oriental Society.*, 56 (2), 1936. Pp.199 ss. e ainda a edição de Hugo Ibscher. *Manichäische Handschriften der Staatlichen Museen Berlin*. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1940 e Carl Schmidt e Hugo J. Polotsky. *Ein Mani-Fund in Ägypten: Originalschriften des Mani und seiner Schüler*. Berlin: Akademie der Wissenschaften, in Kommission bei Walter de Gruyter, 1933.